

Sarney deverá reunir-se com Bush e Mitterrand em Tóquio

por Cláudio Kuck
de Caracas

Depois de receber muitos documentos e ler vários documentos nas cinco horas de viagem de Brasília a Caracas, o presidente José Sarney desembarcou às 16 horas (17 horas no Brasil) no aeroporto Simon Bolívar, otimista com as recentes negociações internacionais sobre o problema da dívida externa. Ele achou positivo o Fórum Econômico Mundial de Davos — Suíça — e também a reunião extraordinária de amanhã, em Washington, dos ministros do Tesouro e presidentes dos bancos centrais dos sete maiores países industrializados. (Ver matéria ao lado.)

Além do otimismo, demonstrou muita alegria ao ser recebido com um grande abraço pelo presidente venezuelano que deixa o cargo hoje, Jaime Lusinchi. Esse lhe entregou sorrido o livro Norte das Águas, do próprio Sarney, recém-editado em obra bilingüe — espanhol e português — com a apresentação de Lusinchi, que diz no prefácio: "Conversar com o presidente do Brasil, dialogar sobre o divino e sobre o humano em momentos de encontros pessoais, foi para mim uma fortuna."

Já o ministro de Relações Exteriores, Abreu Soárez, disse a esse jornal — a bordo do Boeing presidencial — que é praticamente certo haver um encontro de Sarney com o presidente dos Estados Unidos, George Bush, tendo como tema a dívida externa, no dia 24 de fevereiro, em Tóquio, onde ambos estarão para os funerais do imperador Hiroto.

PROBLEMAS DOS LATINOS

Na conversa que terá na manhã de hoje com o vice-presidente norte-americano — a primeira que Dan Quayle tem com um chefe de estado estrangeiro — Sarney deve consolidar iniciativas já tomadas pelo Itamaraty, para o diálogo direto com Bush no Japão.

O assunto principal com Quayle será dívida externa e democracia. Sarney deve enfatizar os problemas políticos e sociais da América Latina com o serviço da dívida, repetindo o que disse antes de embarcar para a Venezuela, em entrevista à revista Time: "O Brasil quer solução negociada, sem confronto", procurando fugir da palavra moratória. O governo busca também superar o contencioso do protecionismo com os americanos, junto com a retomada do desenvolvimento.

O presidente comentou que aproveitou a entrevista com a revista americana para reforçar a mensagem de que ônus social com dívida externa é insuportável para as jovens demo-

cracias latino-americanas. "Nós só temos oferecido sacrifícios, austeridade, contenção de gastos, tudo para fazer frente aos compromissos com os credores. Nossa democracia acaba sendo sinônimo de estagnação, um panorama que precisa mudar", afirmou.

O presidente alertou também que o período de populismo está sendo superado no continente, com o surgimento de novas ideologias pregando posições pretensamente otimistas, como o não pagamento da dívida, fim da remessa de lucros para o exterior, a não aceitação de capital estrangeiro, além de investimentos sociais. Ele pergunta então: "Até quando nossas democracias aguentam?"

A mesma mensagem — com ênfase nos recentes problemas enfrentados pela Argentina — deve ser transmitida por Abreu Soárez aos chanceleres de outros países também presentes em Caracas.

"Pretendo falar com os espanhóis e outros. O objetivo é mostrar que o pagamento da dívida está colocando em risco a democracia latino-americana, mostrar o caso argentino, os próximos podem ser o Peru e a Colômbia e por que não o Brasil a mais longo prazo? Nossos países se desestabilizam."

DEMOCRACIA, A CHAVE

Assim, a palavra democracia será a chave do encontro de hoje entre Sarney e Quayle. O objetivo de acordo com o embaixador Seixas Correa, assessor presidencial, "é criar um clima favorável ao próximo encontro de Sarney com Bush". Diálogo que vai ocorrer ainda antes do lançamento do esperado "plano Bush" prometido para fevereiro.

Em Tóquio, ainda, pode acontecer também um encontro de Sarney com o presidente francês François Mitterrand. O Planalto teria recebido também indícios de funcionários da

chancelaria francesa, que a posição de David Mulford — subsecretário do Tesouro americano — em Davos, contra a proposta de Carlos Andrés Pérez de criação de agência internacional para dívida dentro do Banco Mundial (BIRD) e FMI para comprar com desconto bônus da dívida, não representará a nova posição real americana que é bem mais flexível.

CAUTELA DO ITAMARATY

O Itamaraty está vendendo isso entretanto com muita cautela mas acredita que há muitos fatores agora no cenário internacional que podem ajudar em um novo entendimento entre credores e devedores, fora da moratória e do confronto. "Há uma consciência cada vez maior que é preciso fazer alguma coisa", comenta um embaixador.

Em Caracas, Andrés Pérez, que toma posse hoje na presidência, voltou de Davos impressionado com o ministro das Finanças da Alemanha, Helmut Hulsmann, que pretende mesmo fazer algo para a redução do estoque da dívida externa. "Ele e outros estão extremamente abertos ao diálogo", afirmou Andrés Pérez a um economista brasileiro seu amigo.

O novo presidente venezuelano também lamentou que seu esforço feito na Europa no sentido de iniciar consultas sobre uma conferência internacional em nível presidencial entre os sete grandes e o Grupo dos Oito sofreu um duro revés com o claro voto colocado sobre a iniciativa pela primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher.

Em contrapartida, ele recebeu indicações claras de que o BIRD e o FMI buscam mudanças normativas, para retardar os pagamentos da dívida, também iniciativas de mudanças de regulamentos e redução de impostos para os bancos, com a finalidade de proporcionar melhores condições aos credores.



Dan Quayle

Quayle rejeita "clube de países devedores"

O vice-presidente norte-americano, Dan Quayle, ao chegar ontem a Caracas para a posse de Carlos Andrés Pérez, rejeitou a proposta de criação de um "clube de países devedores", que o próprio Andrés Pérez defendeu em sua campanha eleitoral. Quayle também afirmou que considera qualquer proposta de perdão da dívida pelos bancos privados — que implique mais impostos para o contribuinte norte-americano — como "inaceitável".

Dan Quayle, que tem pelo menos cinco encontros marcados com alguns dos vinte chefes de estado que chegaram a Caracas, disse que não traz nenhuma mensagem específica do novo governo George Bush e afirmou que irá ouvir muito e falar pouco nessa sua primeira viagem internacional desde que assumiu a vice-presidência em 20 de janeiro. Quayle comparou a ideia de um cartel de devedores com o cartel petrolífero OPEC, lembrando que cada país tem interesses distintos que não seriam melhor resolvidos com a união de forças. (UPI)